

CRÍTICA / FILME / A NATUREZA DAS COISAS INVISÍVEIS

Um porvir com alma de criança

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Na rota dos onze primeiros (e notáveis) prêmios que “A Natureza das Coisas Invisíveis” somou desde sua sessão inaugural, na mostra Generation da Berlinale, na Alemanha, desenha um mapa de alguns dos festivais mais relevantes do mundo na atualidade quando assunto central é inclusão. Recém-chegada ao circuito, essa produção veio do Centro-Oeste, com CEP no DF e vetores territoriais em Goiás. A direção de Rafaela Camelo, notável sobretudo no trato com seu elenco mirim, é um alvo de carícias no gosto da crítica por onde quer que passe.



Divulgação

'A Natureza das Coisas Invisíveis', uma pérola brasiliense coroada em festivais

Em sua trama, Glória, de dez anos (vivida com encantamento por Laura Brandão), acompanha

sua mãe, a enfermeira Antônia (Larissa Mauro), no trabalho, em um ambiente hospitalar onde

pacientes de idade avançada padecem de moléstias diversas. A garota já conhece o local e costu-

ma explorá-lo sozinha. Tem um passivo de enfermidade, expressa por uma marca em seu peito. Um dia, ela conhece Sofia (vivida por Serena), que tem a mesma idade e está lá por causa da bisavó (Aline Marta Maia), uma curandeira espiritual. Essa senhora sofre de Alzheimer, mas ainda faz suas invocações. A mãe da garota (papel de uma inspirada Camila Mártila) já não sabe mais como lidar com a impaciência de Sofia. A aproximação dessa mulher com Antônia também fomenta a cumplicidade entre as duas protagonistas de dentes de leite, enquanto o roteiro envereda por uma discussão de identidade de gênero.

Fala-se da arte de crer, da arte de tolerar o que parece diferente, da arte de brincar e da arte de duvidar da ditadura do realismo, em sua brusca matéria de cimento armado. A direção de arte de Sarah Noda é um dos alicerces (visuais) para a dimensão lúdica que o longa alcança em sua tentativa de entender os porvires de um mundo educado pela pedra e pelo individualismo.

CRÍTICA / FILME / QUASE DESERTO

O CEP da solidariedade

Divulgação

Na reta final de 2025, parece difícil que apareça um plano de encerramento de filme (que se lance já em meio aos créditos) mais bonito do que o de “Quase Deserto”. É o melhor filme de Jim Jarmusch que Jim Jarmusch não dirigiu, pois quem filmou foi José Eduardo Belmonte. Tem eco forte do diretor americano mais “maluco beleza” de todo o cinema nesse novo filme do artista formado no DF que nos deu “Meu Mundo Em Perigo” (2007) e “Gorila” (2012). É metade “Daubailô” (1986), metade “Estranhos no Paraíso” (1984), só que com Vinícius de Oliveira, o órfão em busca do pai de “Central do Brasil” (1998), já adulto, a brilhar na tela.



Alessandra Negrini em 'Quase Deserto'

Seu roteiro talvez seja a mais prospectiva abordagem para a rotina de estrangeiros em terras distantes. No caso, um brasileiro (Vinícius, bem à pampa) e um argentino (Daniel Hendler) se arvoram a tentar a sorte numa Detroit que é um oceano de perigos, nos EUA pós-pandemia.

Tem uma participação de se aplaudir de pé de Alessandra Negrini, coruscante sobretudo na sequência de uma entrevista de visto. O mais forte de “Quase Deserto” é mostrar o que (ainda) é ser latino no país que reelegeu Trump. No jeitinho brasileiro, a truculência vai se debelando e fica o afeto, o que faz desse Belmonte uma carta de intenções para o futuro, reivindicando dias melhores, numa geopolítica de solidariedades. (R. F.)